

# AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DA ENFERMAGEM NO ENFRENTAMENTO DA COVID-19

*Data de aceite: 03/06/2024*

### **Sônia Pereira De Brito**

Centro Universitário Vale do Cricaré  
São Mateus - ES  
<http://lattes.cnpq.br/7779769267391543>

### **Janice Gusmão Ferreira de Andrade**

Centro Universitário Vale do Cricaré  
São Mateus – ES  
<http://lattes.cnpq.br/7114956764236876>

**RESUMO:** A presente pesquisa é referente as condições de trabalho, desafios e reflexos causados pelo novo coronavírus (SARS-Cov-2). O novo coronavírus é uma espécie de vírus chamado cientificamente de Sars-CoV, que provoca uma infecção respiratória aguda potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O aparecimento da doença acarretou em pandemia popularmente conhecida como pandemia da covid-19, transformou a vida das pessoas e dos trabalhadores, principalmente da área da saúde, assim, esta pesquisa estuda este movimento, com especial atenção para a categoria profissional da Enfermagem. Tem-se como objetivo analisar as condições de trabalho da enfermagem no enfrentamento da covid-19 e como objetivos específicos: Conhecer as condições de trabalho da enfermagem no exercício da profissão

em tempos da pandemia da covid-19; Identificar as modalidades de contratação e relações estabelecidas entre empregador e profissional da enfermagem em tempos da pandemia da covid-19. A pesquisa se constitui em estudo bibliográfico, documental de natureza qualitativa. Foram utilizados materiais bibliográficos, dentre eles, artigos, teses, periódicos e dados de domínio público relacionados a temática proposta pelo estudo. A pandemia da covid-19 trouxe a visibilidade das precárias condições de trabalho, das novas modalidades de contratação além da vulnerabilidade dos trabalhadores da Enfermagem que exercem suas funções enfrentando a insegurança ao lidar com o surgimento de doenças inesperadas. O período da pandemia da covid-19 deixou marcas trágicas no mundo inteiro, declarando também a dura realidade de uma batalha da categoria de trabalhadores da saúde, em destaque a de Enfermagem. As condições de trabalho da Enfermagem na pandemia da covid-19 aqui explicitada, expôs a exaustão e o sofrimento desses profissionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Enfermagem; Trabalho. Relações de trabalho; Pandemia da Covid-19. Saúde do trabalhador.

## NURSING WORKING CONDITIONS IN ADDRESSING COVID-19

**ABSTRACT:** This research concerns working conditions, challenges and consequences caused by the new coronavirus (SARS-Cov-2). The new coronavirus is a species of virus scientifically called Sars-CoV, which causes a potentially serious acute respiratory infection, highly transmissible and globally distributed. The appearance of the disease resulted in a pandemic popularly known as the Covid-19 pandemic, transforming the lives of people and workers, especially in the health sector, thus, this research studies this movement, with special attention to the Nursing category. The objective is to analyze the working conditions of nursing professionals in the fight against Covid-19. Know the working conditions of nursing professionals in times of the Covid-19 pandemic. Identify the hiring modalities and relationships established between employer and nursing professional in times of the covid-19 pandemic. The research consists of a bibliographic, documentary study of a qualitative nature. In total, bibliographic materials were used, including articles, theses, periodicals and public domain data related to the theme proposed by the study. The Covid-19 pandemic brought visibility to precarious working conditions, new hiring modalities, and the vulnerability of nursing workers who perform their duties, facing insecurity when dealing with the emergence of unexpected illnesses. The period of the Covid-19 pandemic left tragic marks throughout the world, also declaring the harsh reality of a battle for the category of healthcare workers, particularly Nursing. The working conditions of Nursing during the Covid-19 pandemic, explained here, exposed the exhaustion and suffering of these professionals.

**KEYWORDS:** Nursing; Work. Work relationships; Covid-19 pandemic. Worker's health.

## INTRODUÇÃO

As condições de trabalho são definidas como um conjunto de recursos que auxiliam no desenvolvimento das atividades a serem cumpridas, dentre essas, estão as condições da estrutura física, materiais, equipamentos permanentes e de insumos adequados, o descanso e a alimentação para que as atividades laborais possam ser aplicadas de forma satisfatória com eficiência e eficácia.

Com o aparecimento do novo SARS-CoV-2, no ano de 2019 na China, vírus causador da Síndrome Respiratória Aguda, surge a necessidade global do enfrentamento dos profissionais de saúde na batalha para vencer o novo, o desconhecido, o vírus invisível que disseminou rapidamente e matou assustadoramente milhares de pessoas no mundo inteiro.

Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou que o surto do novo coronavírus constituía em Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), sendo este o mais alto nível de alerta da Organização.

Após o primeiro caso confirmado no Brasil, as massas da classe trabalhadora de profissionais de saúde começaram a atuar em imediata assistência direta e indireta, fosse por meio de *home office* e/ou presencial. Desses profissionais de saúde, destaca-se nesse estudo os profissionais da classe de Enfermagem.

Com a emergência na saúde causada pela pandemia da covid-19, as oportunidades de emprego na área de saúde começaram a se modificar. As contratações passaram a ser emergenciais e a exaustão física e psíquica diante a explosão da disseminação do novo coronavírus foram se intensificando para atender a demanda de pessoas acometidas pelo vírus, o que proporcionou, disparadamente, internações e mortes, principalmente entre os anos de 2020 e 2021.

Dentre os profissionais de saúde que atuaram na linha de frente, acolhendo a demanda da pandemia, o presente estudo tem o objetivo de abordar as reais condições de trabalho da categoria de Enfermagem antes e após a disseminação do novo coronavírus. Com o aparecimento da pandemia da covid-19, ficou mais evidente a vulnerabilidade no contexto da profissão de Enfermagem e ao mesmo tempo a importância desses profissionais na assistência à saúde.

Portanto, buscou-se reunir dados/informações com o propósito de responder ao seguinte problema de pesquisa: Como tem sido a segurança e as condições de trabalho da categoria de Enfermagem no exercício da profissão no enfrentamento da pandemia da covid-19?

O tema abordado é oriundo da nossa dissertação de mestrado realizada no Programa de Pós-graduação stricto sensu, nível de mestrado, em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local e justifica-se pelo momento histórico que a pandemia da covid-19 trouxe ao mundo, fazendo grandes transformações na vida das pessoas e em destaque, no exercício da profissão de Enfermagem.

Entre os profissionais de saúde, os de Enfermagem são protagonistas desse estudo, sendo esses trabalhadores uma das classes em atuação na linha de frente na luta contra o novo coronavírus.

Entende-se que uma pesquisa faz parte do aprofundamento de conhecimentos e dentro dessa perspectiva, a pesquisa sobre condições de trabalho da Enfermagem na pandemia da covid-19 é de fundamental importância de forma a aprimorar os conhecimentos da realidade no exercício da profissão, assim como esclarecer alguns acontecimentos na vida do trabalhador da categoria de Enfermagem frente a uma enfermidade disseminada mundialmente.

Destaca-se que, em resposta ao problema apresentado, tem-se a seguir: o objetivo geral e os objetivos específicos desta pesquisa é analisar as condições de trabalho da Enfermagem no enfrentamento da covid-19.

## DESAFIOS DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM NA PANDEMIA

Com o aparecimento do SARS-CoV-2, a classe trabalhadora de Enfermagem teve que enfrentar o novo desconhecido em meio as situações inesperadas, englobando as condições de despreparo e precárias de segurança a situações de sensação de impotência, medo e de exposição ao vírus, que acarretou sequelas e milhares de mortes conforme comentado anteriormente.

O novo coronavírus surgiu na China em 2019, vírus causador da Síndrome Respiratória Aguda. Após o primeiro caso confirmado em São Paulo do Sars-Covs2, em 26 de fevereiro de 2020, vírus que acomete seres humanos e animais de forma leve a grave. Desde então a saúde no Brasil começou a sofrer impactos, muitas transformações começaram a acontecer, uma delas sucedeu na imediata assistência direta e indireta dos profissionais de saúde.

A contaminação se estendeu rapidamente, causando superlotação em postos, clínicas e hospitais pela população, em uma busca desesperada de assistência em saúde.

O vírus, que ainda está em estudo, é transmitido pelas vias respiratórias por meio de contato direto com pessoa infectada: pelo aperto de mão, contato com superfícies e objetos utilizados pela pessoa infectada, pela exposição de gotículas respiratórias expelidas e transmissão por aerossol que são gotículas menores que permanecem no ar por um período de tempo podendo ser inalados, contato em olhos, nariz e boca. O vírus também pode se espalhar em ambientes mal ventilados e em aglomerações. Pesquisas estão em andamento para melhor entendimento sobre a propagação do vírus, variantes e transmissibilidade.

A pandemia da covid-19 virou alvo de muitos estudos científicos que marca a vida da nação e principalmente dos trabalhadores da saúde. Nesse estudo a abordagem é voltada para a categoria de Enfermagem, que além de atuar na linha de frente se submeteu a extrema precariedade no âmbito do trabalho.

Na categoria de trabalhadores de Enfermagem não foi muito diferente, pois o desespero para contratar trabalhadores para conter a situação de adoecimento e morte se expandiu a todo vapor, mas algo de extrema importância foi deixado de lado, como a segurança da vida e da seguridade social.

As imediatas contratações tanto no setor público quanto no privado se perpetuaram com a informalidade e a falsa sensação de seguridade por estar em atuação de trabalho, o que na verdade vai de encontro a formalidade que se enquadra na regularidade. Souza destaca que:

[...] o processo seletivo ocorre de maneira rápida, no qual não há aferição da competência do profissional para o exercício da função. Também, verifica-se elevado número de indicações de profissionais por terceiros, cuja nomeação está apenas vinculada à regularidade da inscrição no conselho profissional. Esses fatos causaram perplexidade, pois considerando a complexidade que envolve o cuidado a pessoas com covid-19, o ineditismo da assistência em tal situação, o elevado risco de transmissibilidade do vírus e o conhecimento, ainda, restrito sobre a doença e acerca do SARV-CoV-2, contratar profissionais sem avaliar competência e habilidades destes é, no mínimo, um contrassenso. Nesta perspectiva, tem-se elevado risco para saúde do profissional e de pacientes assistidos (SOUZA, 2020, p. 8).

**A informalidade para a categoria de Enfermagem em tempos de altas ondas da pandemia ocasionou trabalho excessivo com altas cargas horárias, levando a falsa impressão de vantagens pela alta produtividade, pois:**

[...] outra questão em relação a este tipo de contratação, deve-se ao fato de enfermeiros serem remunerados sob a lógica da produção, quanto maior o número de horas trabalhadas, maior a remuneração. Assim, observam-se diversas dobras de plantão e realização de carga horária laboral extensa por enfermeiros, objetivando aumentarem os vencimentos. Em contrapartida, não há restrições pela organização do trabalho sobre o quantitativo de horas trabalhadas, o que também causa estranhamento, pois a concentração e atenção caem, à medida que o profissional permanece muitas horas no posto de trabalho. Além disso, o ambiente hospitalar é insalubre, assim, a permanência por elevado tempo nesse local se traduz em risco à saúde do profissional (SOUZA, 2020, p. 9).

Com a disseminação de uma pandemia, logo se fez necessário a avaliação sobre os fatores de risco, e uma das questões levantadas foram as doenças crônicas denominadas comorbidades que aparecem quando um paciente é acometido por algumas das doenças de base, sendo essas, doenças que comprometem a qualidade de vida e possuem recomendações especiais de prevenção de agravos.

Com a pandemia da covid-19 as pessoas com comorbidades temiam ainda mais pela preocupação de adquirir o vírus e ter mais chance de morrer pela associação de ambas situações e mesmo diante as fatalidades, a informalidade crescia a cada dia parecendo como um túnel sem saída. Louredo informa que:

[...] a pandemia de c-19, decretada pela Organização Mundial da Saúde em 11/03/2020 (World Health Organization, 2020), foi mais um fator conjuntural que se soma às transformações econômicas que impactam o trabalho. Porém, antes deste evento mundial, o trabalhador brasileiro já enfrentava formas intensas de exploração e precarização ilimitada. Ao final de 2019, mais de 40% da classe trabalhadora brasileira encontrava-se na informalidade. Nesse mesmo período, um contingente crescente de mais de cinco milhões de trabalhadores experimentou as condições de uberização do trabalho. Se antes da pandemia esse cenário já estava instaurado, o que se pode esperar agora é um desenho societal ainda mais desolador (ANTUNES, 2021). As consequências já sentidas da covid-19 no mercado são a elevação da informalidade do trabalho, dos terceirizados, dos subcontratados, dos

flexibilizados, dos trabalhadores em tempo parcial e do subproletariado (COSTA, 2020). Acentuaram-se também as desigualdades sociais, já que por um lado grande número de trabalhadores informais foram impossibilitados de exercer sua atividade e acabaram por perder sua renda. No lado da camada privilegiada do mercado de trabalho qualificado, focada nas tarefas de gestão geral dos negócios, as atividades foram possibilitadas pelos ferramentais de tecnologia da informação no esquema home office (LOUREDO, 2021, p.106).

No Brasil, o medo se estendeu em profissionais de saúde nos atendimentos aos acometidos pelo coronavírus, o pavor da morte e da contaminação que poderia trazer maiores agravos associados as comorbidades acarretou também em afastamento do trabalho, assim os que conseguiram distanciamento ficaram em *Home Office*, na tentativa de preservar a própria vida. Vedovato informa ainda que:

[...] também houve o caso de uma profissional da saúde grávida (embora não seja considerado comorbidade) que sentia medo de contrair o vírus e passar para o bebê, mas, ainda assim, não conseguiu afastamento ou mudança de função. Mesmo não havendo pesquisas que comprovem casos de transmissão vertical, da mãe para o feto ou recém-nascido, a saúde mental, emocional e física da gestante precisa ser levada em consideração, pela própria condição corporal diferenciada (VEDOVATO, 2021, p. 9).

Além do risco de contágio e de morte, estudos apontam que os profissionais de Enfermagem no Brasil tiveram que se sujeitar as más condições de trabalho, a vulnerabilidade e a continuação do exercício da profissão inserida em um modelo de Capitalismo onde o lucro é visto como prioridade.

Um verdadeiro retrocesso, voltando ao tempo em que a produtividade se torna mais importante que a própria vida, as subcontratações em diferentes condições também aconteceram no período das altas ondas da pandemia, conforme abordado anteriormente e com isso a legislação trabalhista foi burlada.

## **CONDIÇÕES DE TRABALHO NA PANDEMIA DA COVID-19**

A pandemia da covid-19 virou um cenário de terror na vida das pessoas e mudou a rotina dos trabalhadores do mundo inteiro, transformou os mais variados tipos de esforços dos profissionais de saúde para conter a contaminação em uma verdadeira sensação de impotência, a princípio jogando ao abismo todo e qualquer tipo de conhecimento técnico-científico.

O novo coronavírus desencadeou a sobrecarga em ambulatórios e hospitais que aumentavam diariamente. Toda a rede de atenção à saúde se desdobrava para tentar frear a disseminação do vírus. O que foi possível acompanhar pelos meios de comunicação, foram as redes de saúde pública e privada com superlotação em enfermarias e UTIs, atendimento em resgate, em ambulâncias de pequeno e grande porte, força aérea em atuação dentre outros e uma verdadeira catástrofe humanitária com transformações sociais e econômicas.

Nessa trajetória, além da luta constante ao atendimento das vítimas da covid-19, os profissionais de saúde tinham que lidar com a solidão e a sensação do abandono, uma vez que não era permitida a entrada e a permanência de familiares e amigos nos locais fechados de atendimento e internação, assim como a questão da informação aos entes queridos sobre o óbito por covid-19 sem mesmo a permissão de momentos de despedida.

Os profissionais de saúde trabalharam incansavelmente no pico da pandemia, foi possível observar por meio das mídias as marcas deixadas pelas máscaras e pelo cansaço, profissionais suplicavam pelo distanciamento social da população na expectativa de conseguirem atingir o objetivo de redução de disseminação na contramão de orientações descabidas.

Além da devastação do vírus e o trabalho árduo e penoso, a precarização nos serviços de saúde em um cenário supostamente neoliberal se tornou mais evidente em meio a catástrofe.

Diante o desafio que o novo coronavírus trouxe para o mundo, a discussão sobre a classe trabalhadora da linha de frente com um grande aumento da demanda assistencial causada pela pandemia, reflete uma associação de situações de vulnerabilidade sobre a percepção da sobrevivência mediante busca da fonte de renda e a insegurança da própria vida, uma vez que o sistema não estava preparado para o colapso na saúde em geral.

Estes fatores ganham sinalizadores para a classe trabalhadora de Enfermagem trazendo grande importância para a saúde pública no Brasil, quando refere-se a falta de planejamento de ações voltadas ao Sistema Único de Saúde, sendo esse um sistema conhecido mundialmente como sistema de saúde universal. Massuda detalha que:

[...] um sistema de saúde com as características do SUS deveria ser uma fortaleza para enfrentar a pandemia da covid-19 (Croda et al., 2020). O país estruturou uma razoável cadeia de resposta a emergências em saúde pública (ESP), que foi utilizada de maneira bem-sucedida no enfrentamento de epidemias como H1N1, dengue e zika, em catástrofes naturais e no apoio aos grandes eventos esportivos, como Copa do Mundo e Jogos Olímpicos (Teixeira, Costa, Carmo, Oliveira & Penna, 2018). Entretanto, a implementação do SUS foi incompleta, e seus problemas estruturais foram agravados por medidas de austeridade fiscal e recentes políticas adotadas pelo governo federal (Castro et al., 2020). Consequentemente, o Brasil enfrentou a pandemia com um SUS fragilizado e com menor resiliência do que poderia (MASSUDA, 2021, p. 739).

A pandemia causada pelo novo coronavírus, vírus ainda sendo estudado pelos cientistas, alterou o modo de viver das pessoas, porém a classe trabalhadora teve que se manter firme e de frente com o invisível de alta letalidade, sendo em muitos casos sem proteção física e seguridade social, uma vasta instabilidade de renda e da própria vida.

O medo do invisível trouxe pânico as nações do mundo inteiro. No Brasil, o despreparo do governo atuante na época do caos da pandemia, contribuiu para a situação devastadora dos brasileiros, uma vez que nem mesmo os profissionais de saúde sabiam ao

certo o que de fato poderiam fazer, já que o governo Capitalista colocara a produtividade e a economia na frente de outras questões, desrespeitando a pesquisa e a ciência. Assim, percebeu-se:

[...] esforços iniciais do Ministério da Saúde para comunicar a população sobre os riscos da pandemia e sobre distanciamento físico e uso de máscaras tiveram efeito positivo. A maioria das unidades federativas adotou medidas para o distanciamento social, e boa parte da população mudou hábitos, passando a fazer uso de álcool em gel para higienização das mãos e de máscaras de proteção. Porém, as orientações sanitárias esbarraram na posição e nas atitudes do presidente da República, que, sob o argumento de proteger a economia, contradizia as recomendações de distanciamento social, repercutia *fake news* sobre a covid-19 e defendia o uso da cloroquina como principal estratégia para o enfrentamento da doença (MASSUDA, 2021, p. 739).

Quando o vírus se propagou no mundo a ponto de romper fronteiras, uma das orientações que apareceram pelos meios jornalísticos, foi aderir ao *lockdown* seguindo o exemplo de outros países na tentativa de frear a disseminação do vírus, pois os dados epidemiológicos eram divulgados diariamente nos meios de comunicação, demonstrando o aumento exponencial do vírus.

Contudo, o Presidente da República no Brasil, na época o Presidente Jair Messias Bolsonaro, se posicionou contra as medidas isolamento social, alegando que a economia não poderia parar, ignorando a catástrofe que atingia a nação. Soares relata que o presidente em:

[...] seu primeiro pronunciamento oficial sobre o coronavírus, em cadeia de rádio e televisão, foi em 24 de março de 2020, no qual afirmou que “pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria acometido, quando muito, de uma gripezinha ou resfriadinho” (Bolsonaro, 2020). Desde lá, Bolsonaro não alterou, nesse primeiro ano, a sua prática na condução da crise. Manteve o tom negacionista dos pronunciamentos, incentivou aglomerações, foi contra a aquisição de vacinas, disseminou informações falsas sobre o vírus, criticou medidas de proteção, como o uso de máscaras e o isolamento social, e divulgou e adquiriu remédios ineficazes contra a doença (do Amaral, 2021) (SOARES, 2021, p. 36).

O Governo Federal atuante nessa fase, demonstrou nitidamente seu descaso pela a classe trabalhadora quando foi contra as medidas isolamento social orientadas por pesquisadores, que buscavam informações de fundamento científico em prol a promoção e proteção da saúde da população em massa.

O Relatório de Riscos Fiscais da União é considerado um instrumento que demonstra para a sociedade os Riscos Fiscais possíveis de acontecimentos em que o Governo pode enfrentar, mas, a percepção sobre as orientações do governo no enfrentamento da pandemia da covid-19 foi de priorizar a Economia, que se tornou em sua visão predominantemente importante, mesmo diante de uma pandemia de alta letalidade.



De acordo com Silva (2021, p.13)

[...] assim, é sob um novo regime de acumulação que observamos o movimento do capital redimensionar a sociabilidade contemporânea. A centralidade do capital financeiro e seu domínio sobre o capital produtivo traz consequências graves para a classe-que-vive-do-trabalho, com sua nova morfologia do trabalho, sob a tríade flexibilização-precarização-terceirização, elevados índices de desemprego, redução de salários, ausência de direitos, ampliação de trabalho desprotegido, informal e intermitente.

O subfinanciamento do Sistema Único de Saúde (SUS) promovido pela Proposta de Emenda à Constituição N. 55/2016, também conhecida como a PEC do teto de gastos, que já vinha sendo precarizado, sofre ainda mais com a alta demanda para o setor de saúde durante a pandemia.

Os espaços de trabalho cada vez mais precarizados expõem os profissionais ao risco. Vale ressaltar que, a prestação de assistência na profissão de Enfermagem deve ser feita na integralidade, de modo a proporcionar proteção para ambas partes. Desse modo, é preciso dispor de estrutura física adequada para realizar os procedimentos corretos, assim como receber equipamentos adequados e treinamento para evitar cruzamento da contaminação, tudo isso depende de recursos financeiros. Portanto, Souza (2021, p.3) conclui que:

[...] sabe-se que o SARS-COV-2 se dissemina principalmente através de gotículas, contato e algumas situações que possam gerar aerossóis, como intubação orotraqueal, aspiração de vias aéreas e ressuscitação cardiopulmonar. Assim, os profissionais que atuam junto a pacientes com a doença, devem fazer uso adequado de EPI, tais como: máscaras, capotes de manga longa, luvas e óculos de proteção para os olhos, os quais são essenciais para preservar o trabalhador de possível contágio. Salienta-se que é fundamental não apenas estar atento a técnica da paramentação correta, mas também ao procedimento de desparamentação, pois indica-se que a retirada dos EPI se configura como potencial risco da equipe de saúde se contaminar.

Em meio a catástrofe causada pela pandemia da covid-19, foram observadas por meio das mídias e das redes sociais a falta de preparo das instituições em situação de emergência em saúde e segurança da saúde do trabalhador, conforme relata Santana:

[...] com relação à importância dos EPI para segurança dos profissionais de saúde - Para além de ser essencial o uso de EPI, garantir o acesso, quantidade, qualidade e treinamento adequado para o uso desses equipamentos, assim como seu descarte, é de responsabilidade do empregador, independente do vínculo empregatício dos trabalhadores, integrado ao compromisso do trabalhador no pleno cumprimento de uso, conservação e descarte. Os tipos de EPI necessários para a prevenção da covid-19 nos serviços de saúde são baseados nas atividades executadas e no risco biológico a que os profissionais estão expostos. Em geral, os EPI que devem ser disponibilizados para essa finalidade são: gorro, óculos de proteção ou protetor facial, máscara, avental impermeável de mangas compridas e luvas de procedimento (SANTANA, 2021, p. 4).

Normas foram criadas com o objetivo de instruir empregados e empregadores sobre as precauções de acidentes de trabalho e doenças ocupacionais, preservando a integridade física dos trabalhadores, promovendo política de segurança e saúde e ainda estabelecendo regulamentação.

As Normas Regulamentadoras surgiram em 1978 e foram publicadas pela Portaria 3214 do Ministério do Trabalho. De início, a lei nº 6.514, de 22 de dezembro de 1977, estabeleceu a redação dos art. 154 a 201 da Consolidação das Leis de Trabalho (CLT).

De acordo com a Norma Regulamentadora N° 6 (NR-06), que recomenda a execução do trabalho com uso de EPI, rege sobre o equipamento de proteção individual – EPI, sendo este de uso individual utilizado pelo trabalhador, tendo por objetivo proteger o trabalhador dos riscos suscetíveis, que podem afetar a segurança e a saúde no trabalho.

No momento em que o mundo se depara com a pandemia, os profissionais da área da saúde enfrentam o caos e a falta de planejamento das instituições em disponibilizar os equipamentos necessários aos trabalhadores durante a assistência.

As recomendações de proteção dos trabalhadores da linha de frente com o novo coronavírus foram para as instituições garantir o acesso de equipamentos de proteção individual corretos e de tamanho adequado aos profissionais de saúde, estes deveriam ser distribuídos pelos empregadores independente da instituição, seja ela privada ou pública, assim como a realização de treinamento quanto ao uso e descarte destes.

Na pandemia da covid-19, tornou se mais claro que a categoria de Enfermagem é denominada por muitas vezes como a profissão da história conhecida como: anjos de brancos ou anjos heróis, porém é de suma importância lembrar que são trabalhadores, seres humanos.

Vale ressaltar que, essa categoria de trabalhadores merece respeito na sua profissão, assim como a valorização por parte dos empregadores. Para a prestação da assistência de qualidade não basta apenas aplicar os conhecimentos adquiridos na formação, é preciso receber a capacitação e a qualificação para o bom desenvolvimento do direcionamento das ações, evitando assim o atropelamento no âmbito do trabalho, visto que a todo momento várias mudanças vão acontecendo com o surgimento de leis e protocolos. Souza relata que,

[...] com efeito, além da pecha heroica ora atribuída aos trabalhadores da saúde e outros serviços essenciais, eles precisam de melhores condições de trabalho; melhor qualificação; sistemas de saúde mais bem estruturados; políticas, programas e protocolos mais amplos que permitam o exercício do protagonismo que lhes é de direito e, enfim, a transformação da dinâmica de trabalho que os avilta diariamente. Para além da questão dos EPI e medidas de higiene (importantíssimas), faz-se mister mudanças mais radicais, isto é, desde as raízes. Enfrentar uma problemática da proporção de uma pandemia tendo o peso desse processo histórico, sem dúvida, tem sido um entrave ao êxito pretendido, o que só retroalimenta a carga que se volta, faticamente, contra os próprios trabalhadores (SOUZA, 2020, p. 130).

O que o Brasil acompanhou em época de pico da pandemia da covid-19 em relação à categoria de Enfermagem, é a atuação incansável na luta contra o novo coronavírus, o novo que trouxe medo do contágio, medo da disseminação, temor pelos familiares e além do pavor, a atuação em meio as estruturas precárias ofertadas pelos gestores, que foram de encontro as orientações dos cientistas na precaução do contágio.

Um cenário de exaustão, pelas altas jornadas de trabalho, do sofrimento ao se deparar com perdas de vidas e pela falta de segurança financeira. A pandemia da covid-19 consumia a população fosse pelo contágio e adoecimento, ou pela mortalidade que afetava drasticamente a população diariamente.

Vale lembrar que as ações da enfermagem vão além do acolhimento das vítimas e familiares infectados pelo novo coronavírus, a prestação da assistência acontece desde a Atenção Primária à Saúde, porta de entrada dos usuários do SUS com a busca ativa de sintomáticos respiratórios, atendimento ambulatorial até os cuidados na atenção secundária e terciária, ou seja, os especializados, englobando laboratórios e hospitais. Contudo, a categoria é de grande relevância no Sistema Único de Saúde e no Sistema de Saúde Privado.

A maioria dos profissionais de Enfermagem são do sexo feminino. Com a pandemia e o crescimento da informalidade no mercado de trabalho traz junto a observação sobre a situação de insegurança econômica, principalmente das mulheres.

A disseminação do novo coronavírus proporcionou o contato direto e prolongado dos profissionais de saúde somando a sobrecarga de trabalho, falta de equipamentos de segurança adequados e falta de protocolos esclarecidos sobre a atuação no combate ao coronavírus. Acredita-se que esse conjunto de situações pode ter sido algo que poderia-se chamar de meios facilitadores, que ocasionaram a morte de grande parte de profissionais de saúde. Conforme o Observatório da Enfermagem – COFEN/COREN, o Brasil responde por 30% das mortes de profissionais de enfermagem por Covid-19, tendo registrado 872 óbitos de profissionais e mais de 65 mil infectados no ano de 2023.

A Pesquisa da Fundação de Getúlio Vargas, de maio de 2020 demonstra que apenas 32,97 % de profissionais entrevistados receberam EPIs adequados. O Governo Federal, que possui em um dos seus papéis importantes como principal representante do poder executivo, atuou de forma desordenada no contexto da disseminação da pandemia da covid-19.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa apresentou o enfrentamento à pandemia em tempos de precarização do SUS, considerado ao final da pandemia o melhor sistema de saúde do mundo. Na linha de frente, os profissionais de saúde enfrentaram o árduo trabalho com a falta de segurança da própria vida, faltou o básico, equipamentos de proteção individual, sem contar a falta de descanso e o excesso de carga horária, situações que foram desdenhadas por parte do governo e gestores que comandam a área da saúde.

O novo coronavírus viabilizou as novas modalidades de trabalho acelerando o avanço da tecnologia e conseqüentemente destacando também a importância da igualdade na sociedade, visto que uma das pesquisas apresentadas neste trabalho aponta que a classe de trabalhadores de curso superior foram os que em maior número puderam realizar o trabalho remoto, ficando em distanciamento social no auge da calamidade pública, uma amostra importante que se destaca no que diz respeito ao investimento na área de educação de um país.

As tecnologias da informação proporcionaram o trabalho remoto em tempos de isolamento social e, também, maior investimento por parte do trabalhador para se manter seguro e empregado. Os trabalhadores precisaram estruturar seu próprio espaço de trabalho criando despesas com internet, equipamentos, contas de telefone, serviços gerais, etc., gastos estes antes previsto para o empregador.

Com a pandemia da covid-19, foi possível observar a necessidade da atuação e atribuições que os profissionais de Enfermagem desempenham no exercício da profissão, seja por meio do trabalho direto e indiretamente ao prestar assistência aos que estão acometidos por problemas relacionados à saúde.

Passados quatro anos de pandemia da covid-19 e suas variantes, segue-se sem a cura para a doença com mais de 703 mil mortes no Brasil. O que tem-se de precisão é que as medidas de prevenção citadas pelos pesquisadores e pela ciência têm importância na diminuição do contágio e a vacinação em massa reduziu a mortalidade e o agravamento da doença causada pela Síndrome Respiratória Aguda, sendo por enquanto a única esperança de estabilização da pandemia.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, ricardo. O trabalho no capitalismo pandêmico: para onde vamos. **Diálogos sobre trabalho, serviço social e pandemia**, p. 13-25, 2021. Disponível em: [https://morula.com.br/wp-content/uploads/2021/07/Dialogos\\_WEB\\_06JUL.pdf#page=13](https://morula.com.br/wp-content/uploads/2021/07/Dialogos_WEB_06JUL.pdf#page=13). Acesso em: 16 de mai de 2022.

CASTRO, Thiele Costa Muller et al. Em tempos de coronavírus: home office e o trabalho feminino. **Novos Rumos Sociológicos**, v. 8, n. 14, p. 40-64, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/NORUS/article/view/20017>. Acesso em: 18 de fev de 2021.

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. **Observatório da Enfermagem. # Enfermagem Contra o Coronavírus. 2020**. Disponível em: <http://observatoriodaenfermagem.cofen.gov.br/paraacompanhamento>>. Acesso em: 13 de dez 2022.

COSTA, Danielle Conte Alves Riani et al. Oferta pública e privada de leitos e acesso aos cuidados à saúde na pandemia de Covid-19 no Brasil. **Saúde em debate**, v. 44, p. 232-247, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/sdeb/2020.v44nspe4/232-247/pt>>. Acesso em: 31 de out 2022.

MASSUDA, Adriano et al. A resiliência do Sistema Único de Saúde frente à COVID-19. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 19, p. 735-744, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/PfnQv8mykrVxTDjVgD8Sfsgs/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 18 de mar 2022.

SANTANA, Neuranides et al. Segurança dos profissionais de saúde no enfrentamento do novo coronavírus no Brasil. **Escola Anna Nery**, v. 24, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ean/a/qzdy4jvyRck6FfxMBGL4mh/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 06 de set 2022.

SILVA, Anny Karollyne Costa; FERREIRA, Adriana Cristina Deiga Xavier. Ensaio acerca da anunciada tragédia brasileira: a crise do capital e o aprofundamento das desigualdades em tempos-espacos de pandemia. **Revista Serviço Social em Perspectiva**, v. 5, n. 1, p. 09-31, 2021. Disponível em: <<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/sesoperspectiva/article/view/3405>>Acesso em: 17 de mai de 2022.

SOARES, Mônica Melchiades. **Populismo e pós-verdade na gestão do primeiro ano da pandemia do Coronavírus no Brasil: as lives semanais de Jair Bolsonaro no YouTube**. 2021. Tese de Doutorado. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

SOUZA, Diego de Oliveira. As dimensões da precarização do trabalho em face da pandemia de Covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, p. e00311143, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tes/a/7rJ6TkW8Cs88QkbNwHfdkxb/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 04 de out 2022.

SOUZA, Diego. A saúde dos trabalhadores e a pandemia de COVID-19: da revisão à crítica. **Vigilância Sanitária em Debate: Sociedade, Ciência & Tecnologia**, v. 8, n. 3, p. 125-131, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5705/570566811014/570566811014.pdf>. Acesso em: 18 de mai 2021.

SOUZA, Norma Valéria Dantas de Oliveira et al. Trabalho de enfermagem na pandemia da covid-19 e repercussões para a saúde mental dos trabalhadores. **Revista gaucha de enfermagem**, v. 42, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rgenf/a/MHPHGnFPtgYJgQzwyFQnZZr/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 19 de set 2022.

TEIXEIRA, Patrícia. A cada 11 minutos um profissional de enfermagem que trabalha no tratamento contra Covid-19 busca atendimento psicológico. **G1**, RJ, abr 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/04/24/a-cada-11-minutos-um-profissional-de-enfermagem-que-trabalha-no-tratamento-contra-a-covid-19-busca-atendimento-psicologico.ghtml>>. Acesso em: 22 jun 2023.

VEDOVATO, Tatiana Giovanelli et al. Trabalhadores (as) da saúde e a COVID-19: condições de trabalho à deriva?. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 46, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbso/a/CHvhLDtkH8WPmSygjHZgzNw/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 14 de set de 2022.